

# Jornal da UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

## Universidade

• Gerd Bornheim • José Paulo Bisol • Jorge Gerdau  
Johannpeter • Lya Luft • Flavio Del Mese • Vitor Ramil •  
Flávio Fava Moraes • Boaventura de Souza Santos •  
Gilberto Schwartzmann • Ruben Oliven • Sérgio Adorno •  
Milton Formoso • Miguel Murmis • Daniel Herz • Eduardo  
Corsetti • Jefferson Barros • Maria Helena Weber • Jorge  
Brovetto • Xico Stockinger • Alberto André • Rodolfo Pinto  
da Luz • José Saramago • Carlos Alexandre Netto • Hugo  
Juri • Ruy Carlos Ostermann • Octávio Ianni • Jader Nunes  
de Oliveira • Barbosa Lessa • Roman Maiorga • Ubaldo  
Zuñiga • Eva Sopher • Miguel Rojas Mix • Lauro Mohry • Jair  
Krischke • Gonçalo Guimarães • Carlos Rodrigues  
Brandão • Wrana Maria Panizzi • Cida Moreira • Antonio  
Carlos Borges Cunha • Luis Miranda • Nelson Boeira • Tarso  
Genro • Lúcio Kowarick • Reinaldo Guimarães • Mauro  
Knijnik • Andrew Simpson • Francisco Mauro Salzano • Leo  
Hartmann • Maria Inês Schmidt • Carlos Tucci • Evgen  
Bavcar • Evandro Mirra • Armino Trevisan • Noam  
Chomsky • Luiz Oswaldo Leite • Carlos Roberto  
Santos • Marco Antonio R. Dias • Gabriel Macaya  
Trejos • Renato Janine Ribeiro • Rafael Guarga • Anthony  
Garotinho • Ciro Gomes • José Serra • Luiz Inácio Lula da  
Silva • Sérgio Ferreira • Cristóvam Buarque • Roberto  
Amaral • Luiz Fernando de Abreu Cybis • João Luiz  
Becker • José Vicente Tavares dos Santos • Renato Machado  
de Brito • O Que É A Paz? • Paulo Vinentini • Sérgio  
Rezende • Marcel Bursztyn • Dilvo Ristoff • Ana Lúcia  
Almeida Gazzola • Zuenir Ventura • Ennio Candotti •

## Entrevistas



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Jornal da Universidade

Clóvis Ott

Editor-Chefe

Ida Stigger

Editora Executiva

**Jornal da**  
**Universidade**

•Gerd Bornheim•José Paulo Bisol•Jorge Gerdau  
Johannpeter•Lya Luft•Flavio Del Mese•Vitor Ramil.  
Flávio Fava Moraes•Boaventura de Souza Santos.  
Gilberto Schwartzmann•Ruben Oliven•Sérgio Adorno.  
Milton Formoso•Miguel Murmis •Daniel  
Herz•Eduardo Corsetti•Jefferson Barros•Maria Helena  
Weber•Jorge Brovetto•Xico Stockinger•Alberto  
André•Rodolfo Pinto da Luz •José Saramago•Carlos  
Alexandre Netto•Hugo Juri•Ruy Carlos Ostermann.  
Octávio Ianni•Jader Nunes de Oliveira•Barbosa  
Lessa•Roman Maiorga•Ubaldo  
Zuñiga•Eva•Sopher•Miguel Rojas Mix•Lauro  
Mohry•Jair Krischke•Gonçalo Guimarães•Carlos  
Rodrigues Brandão•Wrana Maria Panizzi•Cida  
Moreira•Antonio Carlos Borges Cunha•Luis  
Miranda•Nelson Boeira•Tarso Genro•Lúcio  
Kowarick•Reinaldo Guimarães•Mauro Knijnik•Andrew  
Simpson•Francisco Mauro Salzano•Leo  
Hartmann•Maria Inês Schmidt•Carlos Tucci•Evgen  
Bavcar•Evandro Mirra•Armindo Trevisan•Noam  
Chomsky•Luiz Oswaldo Leite•Carlos Roberto  
Santos•Marco Antonio Dias•Gabriel Macaya  
Trejos•Renato Janine Ribeiro•Rafael Guarga•Anthony  
Garotinho•Ciro Gomes•José Serra•Luiz Inácio Lula da  
Silva•Sérgio Ferreira•Cristóvam Buarque•Roberto  
Amaral•Luiz Fernando de Abreu Cybis•João Luiz  
Becker•José Vicente Tavares dos Santos•Renato Machado  
de Brito•O Que É A Paz?•Paulo Vizentini•Sérgio  
Rezende•Marcel Bursztyn•Dilvo Ristoff•Ana Lúcia  
Almeida Gazzola •Zuenir Ventura •Ennio Candotti •

**Entrevistas**

© Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
1ª edição: 2004

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Rosâne Vieira  
Revisão: Ida Stigger e Flavia Boni Licht  
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rosâne Vieira  
Fotografia: Cibele Vieira, Daniela Picoral, Patrícia Haubert,  
Reni Jardim e Ricardo Andrade.

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadoria de Comunicação Social

Entrevistas / Jornal da Universidade. - Porto Alegre : UFRGS, 2004

Apresentação de Wrana Maria Panizzi

1. Jornalismo - Entrevista. 2. Cultura - Intelectuais - Entrevista.  
I. Jornal da Universidade UFRGS. II. Panizzi, Wrana Maria. III. Ott, Clovis.  
IV. Título.

CDU 07  
008

---

Catálogo na publicação: Biblioteca Central da UFRGS

## Sumário

Apresentação / 6	414 / Lúcio Kowarick
Gerd Bornheim / 8	424 / Reinaldo Guimarães
José Paulo Bisol / 18	436 / Mauro Knijnik
Jorge Gerdau Johannpeter / 30	450 / Andrew Simpson
Lya Luft / 40	460 / Francisco Salzano
Flávio Del Mese / 52	460 / Léo Afraneo Hartmann
Vitor Ramil / 62	472 / Maria Inês Schmidt
Flávio Fava de Moraes / 74	478 / Carlos Tucci
Boaventura de Souza Santos / 84	482 / Evgen Bavcar
Gilberto Schwartzmann / 96	496 / Evandro Mirra
Ruben Oliven / 102	506 / Armindo Trevisan
Sérgio Adorno / 114	516 / Mesa Redonda
Milton Formoso / 128	532 / Noam Chomsky
Miguel Murmis / 138	540 / Luiz Osvaldo Leite
Maria Helena Weber / 150	550 / Carlos Roberto A. dos Santos
Daniel Herz / 150	558 / Marco Antonio R. Dias
Eduardo Corsetti / 150	574 / Gabriel Macaya Trejos
Jefferson Barros / 150	582 / Renato Janine Ribeiro
Jorge Brovetto / 164	590 / Rafael Guarga
Xico Stockinger / 174	598 / Anthony Garotinho
Alberto André / 182	598 / Ciro Gomes
Rodolfo Pinto da Luz / 192	598 / José Serra
José Saramago / 200	598 / Luís Inácio Lula da Silva
Carlos Alexandre Netto / 210	608 / Daniel Herz
Hugo Juri / 220	618 / Reitores
Ruy Carlos Ostermann / 232	626 / Dirigentes
Octavio Ianni / 244	636 / Sérgio Ferreira
Jader Nunes de Oliveira / 254	646 / Cristovam Buarque
Barbosa Lessa / 264	656 / Roberto Amaral
Roman Maiorga / 274	662 / João Luís Becker
Ubaldo Zuñiga / 282	662 / José Vicente Tavares dos Santos
Eva Sopher / 294	662 / Luís Fernando de Abreu Cybis
Miguel Rojas Mix / 304	662 / Renato Machado de Brito
Lauro Mohry / 314	672 / O que é a paz?
Jair Krischke / 324	684 / Paulo Vinentini
Gonçalo Guimarães / 336	692 / Sergio Rezende
Carlos Rodrigues Brandão / 346	700 / Reitores avaliam
Wrana Maria Panizzi / 356	encontro com Lula
Cida Moreyra / 368	708 / Marcel Bursztyn
Antônio Carlos Borges Cunha / 376	716 / Dilvo Ristoff
Luiz Miranda / 386	722 / Ana Lúcia Gazzola
Nelson Boeira / 386	730 / Zuenir Ventura
Tarso Genro / 402	738 / Ennio Candotti

# DEBATE

## **Maria Helena Weber**

professora de Assessoria Política da Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS

## **Daniel Herz**

jornalista

## **Eduardo Corsetti**

professor do Departamento de Política da UFRGS

## **Jefferson Barros**

jornalista

## **Por que Olívio venceu? Por que Britto perdeu?**

*A um mês da posse do novo governo estadual, as últimas eleições ainda são assunto. Transição, secretariado, propostas que foram feitas, respostas que não foram dadas, gente que sai e gente que entra na vida política e na administração do Rio Grande do Sul dominam discussões. Esta mesa-redonda analisa as lições políticas deixadas, as teses comprovadas ou desmentidas, o sucesso ou fracasso das alianças e de suas campanhas pelo voto nos dois turnos. Por duas horas, o jornalista Daniel Herz, o professor Eduardo Corsetti, do Departamento de Política da UFRGS, o jornalista Jefferson Barros e a professora Maria Helena Weber - Milena, de Assessoria Política, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, lembraram e comentaram os últimos meses antes de 25 de outubro e fizeram previsões sobre o que o Palácio Piratini poderá proporcionar de novidades aos gaúchos na virada do século. Clovis Ott e Vera Spolidoro, do Jornal da Universidade, mediarão a mesa-redonda.*

NOVEMBRO 1998 - EDIÇÃO N.º 14

**Jornal da Universidade - Há uns três meses, a professora Milena disse que a campanha de Britto era perfeita, enquanto a de Olívio tinha várias falhas. Disse ainda que a coligação Rio Grande Vencedor poderia derrotar a Frente Popular já no primeiro turno. O que ocorreu? Por que houve a reversão?**

**Maria Helena Weber** - Quando disse isso, a campanha estava começando. Do ponto de vista da propaganda política, a campanha de Britto estava articulada, com todos os parâmetros regidos pelo marketing político. Como campanha, ela era perfeita em comparação com a da Frente Popular. Havia um componente básico que era o tempo. Os minutos que Olívio tinha eram insuficientes para fazer frente à quantidade de tempo à disposição do Britto. Naquele momento, havia pouca mobilização por parte da Frente. Mesmo que tentasse equilibrar, se via na imprensa um nítido posicionamento em relação ao fortalecimento da figura de Britto. Outra coisa: naquela época, havia um descolamento de Britto em relação ao partido, tanto que até o final a campanha era do Britto, não do PMDB. Ao contrário, a de Olívio era muito mais do PT do que do Olívio. Num segundo momento, ao final da campanha, o que começou a acontecer? Com os debates, a figura de Olívio adquire a força que não tinha condições de ter num curtíssimo horário político gratuito. Então, a figura de Britto, com desgaste por já ter sido extremamente explorada na propaganda, passa a ser comparada naturalmente à de Olívio, que agora aparecia como novidade. Acho que no primeiro turno dificilmente um ou outro foi melhor ou pior no único debate em que se encontraram, junto com outros candidatos. Quando chegou o segundo turno, o quadro já era completamente diferente.

**JU - Não houve um verdadeiro debate no primeiro turno. O que houve foi um joguinho com aparência de ter sido combinado.**

**Milena** - Mas eu acho que lá, pela primeira vez, nós tínhamos os dois candidatos sendo apresentados, com o mesmo tempo. Isto foi uma coisa que pesou. O debate não é lugar para discussão de propostas políticas. É o lugar onde as pessoas vão, sutilmente, introjetando a figura dos dois candidatos. No segundo turno, Britto entra como se a campanha fosse uma continuação do primeiro. Só que já tinha esgotado aquele filão. Olívio entra com uma campanha excelente, tem tempo para expôr idéias e parte para o confronto. Então, a linguagem, a estética publicitária, consegue ser apresentada e o embate foi evidente. Sob o ponto de vista da propaganda, foi como se já fosse conhecida a campanha do Britto e a campanha de Olívio fosse inédita. Mas acho que há outros pontos de vista que podem ser discutidos. Na minha opinião, a campanha aqui no Estado foi desequilibrada, a propaganda tem de ser repensada em termos políticos, assim como as pesquisas. E também acredito que o exercício da cidadania quebrou alguns parâmetros sacramentados pelos marqueteiros.

**Daniel Herz** - Este foi um processo eleitoral deliberadamente pequeno. A campanha transcorreu entre a Copa do Mundo e a data da eleição, que foi antecipada ao máximo. Este efeito foi intencionalmente produzido. Além disso, se percebeu algo que é crescente: a condução pela mídia, que está transformada em palco do processo político, ou da sua falta. Uma grande marca foi a possibilidade de reeleição, agregada de um elemento perverso: o candidato podia permanecer no cargo. Isto fez com que a mídia exacerbasse ainda mais o seu poder de influência, expondo os integrantes do Executivo da maneira que melhor lhe aprouvesse. O simples noticiar de fatos corriqueiros foi transformado em propaganda po-

lítica. De um modo geral, excetuando-se distorções regionais como os veículos da família Sarney, no Maranhão; de Antônio Carlos Magalhães, na Bahia; de Albano Franco, em Sergipe, os grandes veículos fizeram uma cobertura bastante cautelosa. Os jornais adotaram um tom fundamentalmente declaratório. Não houve reportagem, não houve uma revelação jornalística da realidade. Na televisão, as grandes redes praticamente eliminaram os temas “política” e “eleições”, com a justificativa do aumento de restrições e de condições punitivas. Como no primeiro turno os debates inexisteram, as eleições foram reduzidas ao horário eleitoral gratuito. Para mim, houve um quarto elemento marcante no processo: foi a despolíticação, exacerbada por este mesmo horário político gratuito, com um discurso publicitário, em detrimento do discurso político. Utilizando um conceito do Adelmo Genro Filho, em que afirma ser a política “o trânsito das essências humanas”, eu diria que houve um rebaixamento da política à aparência em detrimento da essência.

**Eduardo Corsetti** - E o essencial da política é a contradição, o debate. É um traço do processo de disputa política. Me parece que o sistema de marketing, de propaganda e toda a estratégia montada em cima da hegemonia de Britto, supunha uma definição incontestável do seu projeto como um todo, na medida em que essa questão se transportava para a mídia. Era a condição para que o projeto não tivesse nenhuma contradição mais contundente na sua proposta. Durante largo tempo, esse mecanismo foi desenvolvido com êxito dentro da própria ação política do governo estadual e, mais especificamente, na campanha eleitoral. Este mecanismo começa a reverter no final do primeiro turno, quase às vésperas do debate político. Até o próprio PT admitia não ter acesso a nenhum meio para responder ao que contestava. Isoladamente, apareciam algumas lideranças do PT na Assembléia, se opondo à hegemonia construída pela mídia: um consenso tão forte, tão impositivo, em que se supunha a eliminação das contradições inerentes à política. Isto se manteve intacto até certo momento, tanto que o próprio pessoal do PT admitia que a campanha ia mal, afetada por essa avalanche midiática do governo Britto e em função dos efeitos decorrentes da escolha de Olívio e da não escolha de Tarso. Esses resíduos que se aglomeraram e foram explorados durante a campanha para dividir mais ainda a Frente Popular, mantiveram a oposição retraída e tentando resolver suas contradições internas, ao mesmo tempo em que devia enfrentar um contendor externo forte, articulado. No final do primeiro turno, esse procedimento começou a aparecer. Aquilo que era absolutamente consensual já passa a não ser tão consensual assim, dentro dos próprios segmentos que, teoricamente, se identificariam com Britto numa situação mais tranqüila, sem espaços para a manifestação de suas contrariedades. Isso ocorreu dentro do próprio PMDB, que tem uma composição muito diversificada. Sempre tenho como referência a figura do Paulo Brossard de Souza Pinto. Ele quase se tornou uma figura isolada, que expressa determinados interesses da sociedade gaúcha à qual ele se vincula (e ele nunca nega isso), que nunca foi chamada para algum tipo de contato, de manifestação frente ao governo Antônio Britto. Sem falar em outras figuras dentro do PMDB, que, mais ou menos, jamais foram colocadas numa posição secundária, simplesmente acessória.

**Jefferson Barros** - Vamos ficar no Brossard. Brossard militou todo esse ano

contra o capital financeiro e a taxa de juro. Ele até contestou a reeleição em um artigo em que perguntava “Afinal, eles querem se reeleger para quê?”. Essa campanha teve debates e programas eleitorais sem tocar nas questões políticas. Quem, realmente, abordou esta questão política foi Brossard, em artigos que escreveu na Zero Hora. A cobertura política desapareceu dos jornais; a questão de uma possível fraude da prévia do PT passou e ninguém falou; depois, uma conspiração do Palácio Piratini contra o senador Pedro Simon, também não foi noticiada. Aí, as pessoas dizem que São Borja surpreendeu pela votação, mas não sabem que o prefeito e o deputado estadual do PPB por São Borja faziam campanha por Olívio, pois a imprensa não fez comentário ou deu qualquer notícia. A pesquisa que, como foi publicado, indicava vantagem de Britto em Porto Alegre, fez com que o setor mais intransigente de Olívio aceitasse a participação do grupo de Tarso, que assumiu uma maior capacidade de militância, fazendo com que aí, realmente, o PT virasse a campanha. Essas coisas foram negadas para a chamada opinião pública. Ninguém contou como foi que Britto teria articulado para afastar Pedro Simon e que, em determinado momento, um jornalista se auto-lançou para ser senador pelo PDT. Quando a coisa tomou corpo, recuou, antes da convenção que escolheu Pedro Ruas para formar a chapa com Emília Fernandes. Britto, do PMDB, que já tinha José Otávio Germano, do PPB, para vice, teria a intenção de lançar um nome da área de comunicação pelo PTB, partido que também integrava a sua coligação, para concorrer ao Senado. Assim, fecharia a chapa sem Simon. Essas são as histórias de como Pedro Simon quase teria sido derrubado por uma conspiração palaciana e de como o PT se rearticulou, a partir do impacto da sua perda de votos em Porto Alegre, segundo a pesquisa. Perder a eleição até poderia fazer parte da lógica daquele momento, mas não em Porto Alegre.

**Milena** - Até porque uma derrota em Porto Alegre significaria uma reprovação ao governo municipal.

**JU** - Se alguma dessas questões tivessem passado pela imprensa, estaria quebrado o uníssono em favor da situação...

**Jefferson** - Exatamente. Teríamos tido uma politização melhor. Britto jogou na polarização e aí errou, completamente. As eleições municipais indicavam que as forças da Frente Popular cresciam no Rio Grande do Sul e não só na capital, onde Raul Pont, candidato difícil, sem o charme do Tarso ou o carisma do Olívio, venceu, facilmente e disparado, a eleição para a Prefeitura. Britto fez questão de ir para uma polarização e quis ganhar no primeiro turno. Ora, para esta polarização, a coligação que ele formou não poderia ter nuances. A coligação liderada pelo PMDB deveria estar o mais próximo possível do aliado mais extremo, que era o PPB. Então, a coligação passou a ter uma cara de direita, inclusive com setores do PMDB de centro-esquerda. Isso aí tudo o Britto jogou fora.

**Milena** - Há ainda um aspecto contraditório na comunicação. Durante todo o primeiro turno havia uma coligação Rio Grande Vencedor. Só que este Rio Grande Vencedor era uma pessoa: Britto. Não foram valorizados os partidos que formaram a coligação. O aspecto da unidade também não apareceu. Por exemplo: ninguém sabe cantar nenhuma das tantas músicas bem feitas que circularam no primeiro turno. Não ficaram gravadas na memória. Isto repre-

sentou, também, a desarticulação que parecia haver em nível político. Não foi transmitido, na propaganda, que tantos partidos e tantos candidatos estavam unidos em torno de um projeto comum. O seu maior volume e qualidade técnica, levou à crença na vitória de Britto já no primeiro turno, diante do pouco tempo e da fragilidade da campanha do PT. No segundo turno, Britto não teve música e, ao assumir a sua própria campanha, admitiu, implicitamente, a derrota do seu esquema de propaganda, de início julgado como perfeito.

**JU** - Pelo resultado da eleição dá para ser dito que 60% de Porto Alegre é petista?

**Jefferson** - Eu não diria que 60% é petista...mas é a base dos projetos de Olívio e Tarso.

**JU** - É a segunda vez que, surpreendentemente, Olívio bate Britto na urna. Olívio é bom de voto e Britto é ruim? O PT cresce e o PMDB cai?

**Corsetti** - Essas questões têm aspectos conjunturais mas, dramaticamente, parece que Britto já está traumatizado por ser derrotado pelo Olívio. O caso da eleição para a Prefeitura já foi surpreendente. Desta vez, a surpresa foi muito maior. Inclusive para quem tinha informações mais elaboradas. O aspecto da conjuntura é importante. O crescimento da Frente Popular no Estado não ocorre pelas mesmas motivações. Enquanto nas cidades este processo se articula de um determinado modo, no interior tem outros componentes. Por exemplo: o papel do PDT deve ser destacado. O que significa o PDT no Rio Grande do Sul e no interior? Ele não é uma cópia do PT. Tem até um componente conservador que sedimentou, na história, a sua atuação política, principalmente fora da capital. A aliança que Britto havia construído, já no processo político, e que projetou no processo eleitoral, oferece contradições. Uma delas já foi citada por Jefferson, o caso de Brossard. Há outras dentro do partido, muito mais longas, mais tradicionais e maiores do que o próprio projeto Britto. Dentro dos partidos da coligação era esperado um grande apoio eleitoral, particularmente no PPB. Mas em regiões habitualmente “suas”, os votos do PPB não apareceram. Este partido, na aliança para a eleição majoritária, substituiu o PSDB, eleitoralmente de menor expressão. No Rio Grande do Sul, o PPB é bem definido e tem uma importância relevante no interior, mas agora tem uma nova geração de representantes, desvinculada dos nomes antigos e tradicionais da velha ARENA.

**JU** - O fato de partidos que compunham a coligação de Britto terem conseguido manter a maioria na Assembléia Legislativa e terem sido derrotados na eleição para governador não indica que os candidatos trabalharam apenas em causa própria nas suas regiões?

**Corsetti** - É uma lógica imediatista, mas não pode ser descartada. Além disso, a identificação das contradições se dá muito mais na eleição majoritária do que na proporcional. O deputado, hoje, é o representante de uma região, de um segmento social ou das duas coisas. Canaliza interesses. Então, as contradições ficam minimizadas. Nessa eleição isto ficou claro com a vitória dos deputados da situação na proporcional e a derrota de Britto na majoritária. A lógica não é linear porque inverte esta relação. Na verdade, me parece que o PPB frustrou a expectativa eleitoral do projeto Britto. O PMDB não teve mais força política e eleitoral para alcançar sozinho este êxito.

**Jefferson** - Britto tentou mesmo foi uma solução bonapartista. Primeiro, dentro da coligação dele. Como havia contradições, tentou mediar. Só que, para haver

uma solução bonapartista é preciso, antes de tudo, que haja um Napoleão... Talvez tenha funcionado dentro da coligação, mas não funcionou na projeção externa. Ele estava convencido que este projeto de globalização que está aí, pela internacionalização do capital, era hegemônico. Os seus oponentes não politizaram muito a questão. Quem politizou foi o eleitorado, já no primeiro turno, ao dizer: “isto nós não queremos”. O pequeno proprietário rural, que é conservador e derrotou o PT em outras eleições, achou que estava na situação de ser expropriado pelo banco ou pelo PT, dependendo de quem chegasse primeiro. Concluiu que o PT não o estava ameaçando, mas o banco, sim. Com o grande proprietário aconteceu a mesma coisa. Se Karl Marx acertou no caso da expropriação do bem individual, talvez tenha errado, neste caso, quanto aos expropriadores...

**Corsetti** - Como disse o Jefferson, o Brossard fez campanha política durante todo o ano. Um mês antes da eleição, ele foi entrevistado na Bandeirantes, no Fogo Cruzado, do Paulo Henrique Amorim, domingo à noite. Teve um efeito simbólico muito forte. Reclamou até dos juros, que não existe para o capital externo e que para o produtor nacional classificou como “escorchantes”. Esta sua entrevista foi um chamamento, com repercussão nacional. A idéia da ameaça no campo foi um elemento importante na identificação do apoio. Aí, novamente, entra o PDT e, de um certo modo, a ruptura do PPB e com alguns setores do próprio PMDB. A oposição consegue explorar isso muito bem quando faz um aceno conservador ao campo. Olívio fala de “paz no campo” e fica parecido com um pároco de aldeia. Foi eficaz, eleitoralmente. Foi estratégico. O que se pergunta agora é se esta afirmação será digerida pela administração. Mas é uma clara promessa de campanha. Nas cidades parece que ocorreu o mesmo. As pessoas têm medo do amanhã. Estão inseguras. Temem os “planos de demissão voluntária”, o seu futuro como cidadãos vivendo em um tempo de extrema incerteza. Olívio também passou a idéia de que as coisas não acontecerão assim tão traumáticamente, falando em resgate do trabalho, salários e moradia. São problemas essencialmente urbanos. Hoje, a palavra “moderno” não traz mais uma idéia de inserção, evolução ou progresso. Traz uma sensação de medo.

**Jefferson** - Também acho que houve uma despolitização devido à mídia e à sobre-determinação, pelo marketing, da questão política. Sem contestar o Adelman, citado pelo Daniel, todo o ato humano é um ato político. A política, hoje, é uma mediação, uma função específica. Britto não conseguiu provar que a tese da globalização, pela inserção dependente ao capital internacional, era hegemônica. Houve uma calhordice. A diferença de votos entre Britto e a legenda Rio Grande Vencedor foi enorme: a coligação teve 800 mil votos a mais do que o seu candidato a governador. Os partidos que o apoiaram o ultrapassaram, o que significa 12% dos votos válidos. Ele ficou sozinho na tese de que o “modelo GM de sociedade” é bom para o Rio Grande do Sul ou para o Brasil. No momento em que não tinha hegemonia, o que aconteceu? A burguesia foi para a rua. Se não tem a hegemonia nas opiniões, a burguesia busca a imposição, a ditadura. Então, entre o primeiro e segundo turnos surgem ameaças, pressões, intimidações, circulares e chantagens com empregos em época de desemprego, folhetos difamatórios e sem assinatura, enfim, foram 20 dias de aplicação das práticas da ditadura, por causa da falta de hegemonia. Compreendo por que

a burguesia fez isso. Seus políticos a abandonaram, tentou salvar o barco de qualquer jeito.

**JU** - Por que as ameaças não tiveram o efeito intimidatório esperado?

**Corsetti** - Teve efeito, mas contrário. Não se combate pânico com pânico. As pessoas já estavam com receio, aí veio uma ameaça sobreposta e trouxe situação de desconforto. O projeto de Britto, que implica em alterar o paradigma de desenvolvimento do Estado, gerou as contradições que estamos analisando e que tiveram uma repercussão imediata, na medida em que havia uma eleição próxima. Os efeitos da alteração do paradigma não surgirão imediatamente. A GM e a Ford nem começaram a funcionar. Não se sabe se os seus efeitos serão positivos ou negativos. Por enquanto, são uma possibilidade. O conjunto de elementos que o projeto pode oferecer, ou não, impediu o governo Britto de tirar eventuais vantagens a curto, médio ou longo prazos. Boa parte dos seus projetos ainda não se definiram, concretamente, como êxitos ou fracassos. E isso provocou desgaste. Vejam que todos os elementos simbólicos do seu projeto não chegaram a aparecer. Aliás, já estão gerando contradições antes de se construir... Além disso, esses projetos, sendo extremamente pesados para a economia do Estado, tiveram o significado de exclusão para alguns setores de importância no Rio Grande do Sul.

**Daniel** - Tivemos aqui uma exaustão deste modelo, que foi levado a extremos. A coligação tinha um espaço estrondosamente maior do que os outros e abusou dos recursos técnicos e do instrumental publicitário. Tratou o candidato como uma opção de supermercado, como sabonete. O esgotamento do modelo fez com que a própria coligação Rio Grande Vencedor tivesse que recorrer, no segundo turno, ao debate político e à explicitação do conteúdo das suas propostas. Foi a coligação que passou a reivindicar o debate, desesperadamente. Britto assumiu, nominalmente, a campanha. A campanha de Olívio conseguiu pautar, fortemente, o seu oponente. Britto ficou em uma sinuca na questão dos valores tradicionais e regionais em que se dava o confronto: do ponto de vista cultural gaúcho, a questão do “fio do bigode”, da verdade. Do ponto de vista político mais imediato, foi colocado em xeque aquilo que Britto fez no primeiro turno, quando tentou assumir um elemento simbólico e imaginário que é próprio da esquerda: trabalhar com uma idéia de futuro. Olívio se refugiou em algo precioso. Vi algumas análises segundo as quais ele se elegeu com o voto conservador. Sim, ele foi tradicional, mas não, necessariamente, conservador. Prometeu um governo com honestidade, austeridade, que colocará as coisas em ordem, que minimizará os efeitos sociais da crise e acenou com outra base de desenvolvimento calcada na agricultura. No momento em que emergiu o debate de conteúdo, já era tarde demais para Britto perceber que estava enredado em um referencial de conceito que não tinha mais como crescer. Mais do que isso, começou a perder espaço, apesar da utilização intensa das pesquisas que mascaravam o processo.

**Milena** - Não concordo com o Daniel. Nem Olívio nem Britto utilizaram um discurso revolucionário. O que Britto propunha, segundo a estética da propaganda, era extremamente conservador, mas era algo palpável. Também acho que o discurso do PT soube ser conservador, mas no sentido de não ousar. Quem ousou foram os eleitores, que foram para a rua de uma maneira como nunca aconteceu. O que de mais novo aconteceu foi o clima que Porto Alegre



passou a viver. A campanha na rua passou a ser muito mais importante do que a que transcorria pela televisão. Nas sinaleiras apareceram camelôs vendendo símbolos de campanha do PT pirateados, como bandeiras, estrelas, bigodes, lenços, adesivos e camisetas. Camelôs só se interessam por vender artigos que tem saída fácil e proporcionam lucro rápido. E isso contagiou quem defendia a candidatura de Britto, acirrando a guerra das bandeiras. Porém, nos debates que tanto passou a querer no segundo turno, Britto tentou usar algo que se virou contra ele: a ironia. Quando acuado, Antônio Britto ficava irônico. E isso, para o eleitor, é insuportável. A ironia é um recurso inteligente, quando bem usado, mas desqualificador, para quem está ouvindo. Ao ironizar Olívio, Britto estava sendo agressivo com o eleitor. Por outro lado, o modo como a campanha foi para a rua mostrou componentes de politização e cidadania, o que não ocorreu em nenhum outro Estado. Ainda hoje se vê este material, na roupa das pessoas ou nos pára-choques e vidros dos carros. Esta eleição também marcou, e agora concordo com o Daniel, o esgotamento da propaganda, tanto a formatada quanto a realizada pela mídia, informalmente. Nesta eleição, a legislação esquizofrênica novamente contrariou toda a lógica da comunicação. E está provado que “mesmo espaço” nos jornais não significa “mesma qualidade”. Tomando por exemplo a cobertura dos jornais referentes aos dois comícios do primeiro turno, se forem comparados os tipos de foto, os ângulos por onde foram obtidas e a qualidade de edição, se verá que houve uma posição visivelmente favorável a Britto. Espero que quem legisla sobre o assunto reconsidere algumas coisas. Deve haver um repensar sobre como se faz propaganda e marketing políticos quando há um bom nível de politização, como no Rio Grande do Sul, uma exceção no Brasil.

**Jefferson** - Sem usar a palavra, o assunto já foi mencionado aqui. Olívio falou em “paz no campo”, o PDT no interior tem uma inserção de base rural. Ficaram surpresos por que Olívio ganhou em São Borja? Ora, em 1958, Brizola ganhou no município, com os mesmos índices. Surpresa em Bagé? Em 1958, Brizola também venceu lá, mais ou menos com a mesma percentagem que Olívio alcançou em 1998. E aí, é bom lembrar, temos também o voto maragato de Paulo Brossard. Este apelo, que representa “justiça social”, para as camadas populares e médias urbanas não é só um discurso, mas uma prática política que não representa uma ameaça ao setor tradicional da sociedade. Tarso diz que “nos dirigimos ao sistema produtivo histórico do Rio Grande do Sul”. Eufemismo à parte, ele quer mesmo dizer “latifúndio”. Todos os caudilhos da América Latina falavam para as massas urbanas com o apoio do latifúndio. Olívio não armou a frente política que o elegeu. Acredito que os teóricos do PT, que foram tão críticos ao populismo, nada tiveram a ver com isso. No entanto, o fato real é este. O resultado das eleições no Rio Grande do Sul reestruturou uma característica essencial do populismo, que é a reivindicação de justiça social das chamadas camadas populares e médias urbanas. Hoje, a classe média é quase toda petista. Acontece que os setores populares se ampliaram e a classe média se proletarizou.

**JU - Com o enfraquecimento do PDT, o PT atual pode vir a ser o PTB do passado?**

**Jefferson** - Não sei. Fazer futurologia é difícil.

**Corsetti** - O PT formalizou a sua hegemonia dentro da esquerda. Uma coisa é ter consenso de que o PT é a maior expressão da esquerda, outra é a formalização

desse processo. Não sei ainda como ficará o PSB, em termos nacionais é sempre um partido de certo peso, tem agora alguma projeção em São Paulo... Mas, ao mesmo tempo em que formaliza compromissos, não assume sua hegemonia partidária de forma autoritária ou impositiva. Isto implica em estabelecer parâmetros, compor relações. Evidentemente, hoje, os desafios dos partidos de esquerda não são os mesmos das décadas de 30, 40, 50. A transição do capitalismo é outra, o próprio papel do Estado, provavelmente, será outro. Acho que ele não vai assumir a mesma função nesse sentido. Vai, de certo modo, avançar como oposição. Primeiro, no sentido de não mais questionar o capitalismo como tal. Depois, a questão é “que tipo de capitalismo essa esquerda vai propor?” Não é nenhum capitalismo de Estado, estou certo disso. Acho que a sociedade será promovida segundo esses valores de cidadania. Já não falo mais em social-democracia por que, no Brasil, esse termo se corrompeu do ponto de vista conceitual.

**Daniel** - Pode-se dizer que aqui era o único lugar no Brasil onde a formalização do PT, como força hegemônica da esquerda, já era possível. Apesar do esforço de Brizola em admitir a preponderância do PT no bloco das oposições, só aqui no RS isso já era possível. Mesmo nos demais lugares onde o PT ganhou as eleições, Acre e Mato Grosso do Sul, não se pode dizer sequer que existe preponderância da esquerda, de forma genérica. Este é um processo que está em constituição e que pode evoluir como evoluiu a experiência da Maria Luíza Fontenele, em Fortaleza, como a do Vítor Buaiç, no Espírito Santo, que acabou num desastre, ou como foi o início desse processo aqui no Rio Grande do Sul, com a experiência administrativa do PT na Prefeitura de Porto Alegre. A demonstração disso está aqui, nos vários elementos que produziram a desestabilização do bloco conservador. A negativa das bases do PPB em aceitar um predomínio do PMDB, que não conseguiu materializar a hegemonia que pensava ter, é uma postura de resistência. Não quer dizer que Olívio tenha recebido o voto preferencial conservador. É um componente fenomênico conjuntural, mas também um componente de ousadia que não é muito diferente do voto dos produtores rurais, sacrificados pela via de desenvolvimento em curso, ou dos desempregados. Quem não tem um desempregado no seu núcleo familiar, tem um parente ou amigo que está e isso tem um efeito de irradiação, de percepção da dificuldade que é extremamente forte. Até componentes como uma eventual reação anti-RBS, anti-monopólio da mídia, que existe mesmo em setores empresariais, têm um aspecto de insurgência contra um poder que se impõe pela força, pela coerção e pela atemorização. A ousadia em todos esses votos, sem uma opção de conteúdo, também podem ser frutos da experiência administrativa do PT em dez anos na Prefeitura de Porto Alegre. Aí tem uma afirmação de capacidade concreta de realizar, contrastando com a capacidade de realizar do Britto, uma promessa de futuro que entra em conflito com o imediatismo das pessoas. O PT surge como aquele que, no Executivo, administra de forma honesta, sóbria, coloca as crianças nas escolas, arruma as ruas, enfim, leva bem o feijão com arroz do cotidiano. A composição da Frente Popular não foi forçada. Foi um alinhamento de forças e percepções que se estabeleceu. O PT liderou este fenômeno. Se este partido vai se transformar, introduzir na sua atuação os elementos que foram messiânicos, populistas, de exagero nas promessas, esses componentes vão se transformar na tônica da sua atuação política. É algo que só a atuação no Palácio Piratini vai demonstrar.

**JU - Sobre o futuro: pela primeira vez, temos no Rio Grande do Sul um governo de esquerda. Conviverá com um monopólio de mídia que, embora fragilizado, ainda pode ser considerado como tal; com uma minoria do governo na Assembléia Legislativa e um enfrentamento com o empresariado que já começou antes mesmo que o governo assumisse. Que perspectivas pode ter um governo nesta situação?**

**Jefferson** - Quando o PTB se transformou num partido hegemônico no RS em 1958, ele vinha de um crescimento constante na Assembléia. Quando Brizola se elegeu governador, o PTB tinha 50% da Assembléia. Não é a questão, hoje. O Olívio teve 1 milhão e 200 mil votos além dos votos da legenda da Frente Popular. Realmente, o fato de não ter maioria na Assembléia é uma questão séria para o governo, mas as maiorias hoje podem se formar com uma certa facilidade. A adversidade com o setor empresarial urbano é uma questão que prejudica o governo, mas penso que a Frente Popular recebeu mais um mandato político do que administrativo, embora o caráter administrativo da Frente Popular em Porto Alegre seja significativo. A gente sente a diferença de andar num ônibus de Porto Alegre antes e depois da Administração Popular. Repito: o mandato que a Frente Popular recebeu foi político e não administrativo. Não foi a administração do Britto que foi julgada, foi a sua política. O eleitorado votou numa política diferente. O que vai ser cobrado do Olívio é uma política e não tanto uma gestão. As experiências que nós temos das administrações do PT é que, além de competentes, são decentes. Então, tendo uma administração minimamente competente e decente, o Estado estará sendo bem gerido.

**JU - E o argumento de que o Rio Grande do Sul perderia poder elegendo um governador de oposição ao poder central?**

**Jefferson** - De certa maneira, nós temos condições de fazer oposição ao poder central. Por que são duas as lógicas: a que nós temos do consenso de Washington, que é centralizar tudo para que o bolo do excedente vá para uma única fonte (o capital financeiro) e a que foi votada pelo eleitorado gaúcho: a de descentralizar de tal maneira que o bolo não fique somente na mão do Banco Central mas, como no caso de Porto Alegre, com o Orçamento Participativo. Essas duas lógicas são a grande contradição, e se optou pela do Orçamento Participativo: eu controlo o meu excedente e quero que se faça esta praça e não aquele supermercado. Aqui entra a questão do futuro. Por isso disse que a campanha foi despolitizada e a eleição, politizada. Acredito que a Frente Popular tem condições de politizar esse mandato que recebeu, e nesse sentido concordo plenamente com o Daniel: o único PT que pode expressar, em termos, essa hegemonia, é o gaúcho, assim como pode ser hegemônico nacionalmente. Vai depender da resposta que ele der ao mandato que recebeu aqui. O PT não será julgado daqui a quatro anos pelo fato de ter conseguido ou não trazer a GM, ou outra empresa. Será julgado politicamente pelo que fez no sentido de se opor ao sistema que nós temos no país.

**Daniel** - Quero fazer uma observação mais específica, do ponto de vista da comunicação, sobre o que Jefferson afirmou, destacando o aspecto político do mandato. Realmente, o futuro está em aberto. Sob o ponto de vista da comunicação, estamos em um Estado onde há um bloco conservador bastante articulado, um monopólio de mídia que tem a pretensão de ser o articulador desse bloco e até provoca resistência, porque assume isso de forma muito arrogante e pre-

potente – e está colhendo os resultados agora, nessa eleição. Isto mostra que, se o PT na administração, simplesmente adotar o caminho da publicidade, do marketing, na sua forma mais tradicional, não terá sucesso. Britto já usou isso bastante, chegou ao limite e não obteve resultados. Partindo do reconhecimento de que a mídia é o espaço privilegiado onde se estabelecem as transações de conteúdo humano, temos que levar para este espaço a representação da pluralidade. Para a Administração Popular, será necessário deflagrar um processo não de publicidade e marketing, mas um processo cultural em larga escala, em que a mídia seja colocada no seu lugar devido, levando a pluralidade ao espaço público. Assim, o conceito é o de “casar” comunicação e cultura e produzir um fenômeno cultural em larga escala.

**Milena** - Ao assumir a Prefeitura, o PT precisou criar novas formas de fazer comunicação. As próprias agências de propaganda tiveram que passar a falar de uma forma diferente. A comunicação adotou um processo pedagógico. É bom lembrar que, no início da Administração Popular em Porto Alegre, houve um ataque impressionante que começava pela ausência absoluta da sua presença na mídia. O maior exemplo no mundo, e como tal é estudado, foi a atitude da Rede Globo quando Brizola governou o Rio de Janeiro. Por quatro anos Brizola não existiu na Globo. Acho que o governo Olívio vai ter que mostrar, também, o que fazer com a máquina de propaganda montada pelo governo Britto que, individualmente, foi o maior investidor na sustentação de todas as mídias do Rio Grande do Sul.

**Daniel** - Os números não estão muito claros, mas em torno de 70 ou 80 milhões foram investidos apenas neste último ano.

**Milena** - É bom lembrar que temos uma TV Educativa, dezenas de pontos culturais que podem intervir e contrabalançar a questão da mídia. Há um novo processo a ser desencadeado e não há como o Rio Grande Sul copiar qualquer exemplo.

**Corsetti** - O Estado tem uma característica pluralista, mesmo com a tendência hegemônica de certos meios de comunicação. De algum modo, isto já foi denunciado e apareceu para o grande público. Se não na sua totalidade, pelo menos, em parte. Com raras exceções, não se faz discussão ou comentários políticos pela mídia, não se faz um comentário político com começo, meio e fim. Procuo, até na televisão, algum comentarista com mais conteúdo. Só acho o Villas Boas Corrêa, da Manchete. O resto é veiculador das opiniões da autoridade de plantão. O jornalismo político precisa ser retomado. Até como estratégia do próprio bloco conservador, o Rio Grande do Sul deverá oferecer espaço para esta retomada. A forma mais técnica de se fazer oposição é tentar oferecer uma coisa de melhor qualidade. Vejam só, a questão dos empresários: ontem, ouvi uma repórter de rádio perguntar ao dono de uma empresa que vai se instalar em Vacaria: “O senhor, que tem uma fábrica de automóveis sofisticados, não tem medo do novo governo?” A resposta: “Não, não tenho. É bom para a empresa. É bom para o governo. Vou ter medo de quê?” Esta é outra mentalidade empresarial, a que sabe conviver com a diferença, com a praticidade sem, obrigatoriamente, ideologizar tudo. Em termos de futuro, o fato do Rio Grande do Sul ser estratégico e servir como referência política ao país, vai implicar em que o PT tenha uma estratégia não apenas nacional.

Como qualquer partido, terá o direito legítimo de se propor como alternativa à Presidência da República. E talvez com mais consistência do que tenha feito até agora. É um desafio ao PT gaúcho. Isto independe do partido querer ou não. Já começou. E eu diria que até de uma forma subversiva: recentemente ouvi um jornalista dizer que a metade do Estado votou em Olívio e a outra metade em Britto. Ora, quando a eleição termina, o processo está esgotado. Não mantém a divisão. Se fosse assim, a eficácia da democracia cairia por terra, indo metade para cada lado. A democracia existe, exatamente, para normatizar este processo depois da competição. Ou então parta-se para uma ruptura, para uma revolução. Vejam só como a direita não tem tanto senso democrático como diz...

**JU - Com a eleição de Olívio Dutra num Estado-chave, poderá ocorrer uma reavaliação no peso político dos maiores partidos brasileiros? Quais serão as possibilidades mais viáveis de alianças?**

**Corsetti** - Deverão surgir alianças nacionais mais equilibradas. Não sei que setores do PT, ou de fora dele, deverão costurar isto. Quanto às alianças na Assembléia Legislativa, recentemente tivemos duas experiências diferentes: Alceu Collares ficou isolado, teve imensas dificuldades para administrar e obter aprovação de projetos e se desgastou intensamente. Em seguida, Antônio Britto costurou uma aliança conservadora e foi eficaz pois, na sua lógica, conseguiu aprovar todos os projetos que quis. O Executivo é importante no chamamento desde as referências mais ideológicas, mais modernas, até às concessões clientelistas, mais ou menos conservadoras. Obrigatoriamente há segmentos partidários, vinculados a regiões, que terão pleitos e iniciativas, com o Corede (Conselho Regional de Desenvolvimento) ou sem, de uma forma bastante local. Nenhum partido comete o suicídio político pelo radicalismo de adotar, sistematicamente, posição oposicionista. Há uma tradição relativamente adesista dentro do próprio leque conservador. Citaria o PTB, por exemplo, um partido que precisa de uma definição clara da sua ação e de que lado ficará. Dentro do próprio PPB também há alguns elementos que não fecharam com o governo Britto. Acho que este conjunto de partidos conservadores que comporão a nova Assembléia Legislativa a partir de janeiro não será igual ao bloco atual. Muda o chefe do Executivo e as relações se redefinem. O PT já adquiriu uma experiência muito grande nessas costuras depois de governar por 10 anos a Prefeitura de Porto Alegre, inclusive com minoria. Os setores mais conservadores da imprensa é que exercerão uma cobrança constante.

**Daniel** - E não só. Fora do exercício do governo estadual, o bloco conservador terá o mesmo ímpeto que a coligação Rio Grande Vencedor teve ao reivindicar, no segundo turno, os mesmos debates que negou no primeiro.

**Milena** - Já estamos vivendo isso. A mudança no debate já começou. Nunca se viu tanta discussão política como agora. Tudo está em xeque. Muitos acham que é um ataque. Não é. É discussão. E positiva. A sociedade só tem a ganhar com isso.